

TRADIÇÕES AFRO-RELIGIOSAS EM PORTO VELHO: LEGADO CULTURAL E PATRIMÔNIO IMATERIAL A PARTIR DA CONSTRUÇÃO DA FERROVIA MADEIRA MAMORÉ

Hiago de Paiva Cardosoⁱ

Marcelo Sabino Martinsⁱⁱ

RESUMO. Este trabalho versa a questão do legado cultural proporcionado pelas tradições afro-brasileiras em Porto Velho durante o início do século XX. Defende-se a ideia de que foi já com a construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré que chegaram os primeiros praticantes de religiões de raízes africanas em Porto Velho, como foi o caso da Irmandade de Santa Barbara, fundado em 1914. Tenciona-se construir uma história sobre as contribuições culturais a partir da fundação do Terreiro de Religião Afro considerado o mais antigo da capital Porto-velhense denominado Terreiro de Santa Bárbara, ou “*Recreio de Yemanjá*”. Esta pesquisa consiste em um estudo com bases etnográficas referente a um povoado vindo de estados como Maranhão e Pará para trabalhar na construção da Ferrovia Madeira Mamoré, e contribuiu para a formação cultural desta cidade através da implantação do Tambor Mina (batuque de Babaçuê, Tambor da Mata, Terecô) que contribuiu para a constituição de uma identidade para os praticantes das religiões afro-brasileiras em Rondônia, nos modos de vestir, de fazer e de participar da vida na cidade.

Palavras-chaves: Religião, identidade, cultura.

1. INTRODUÇÃO

O Terreiro de Santa Bárbara de Porto Velho é fundado por um casal de afrodescendentes vindos do Maranhão chamados Esperança Rita da Silva e

Raimundo Silva, que vieram para trabalhar na construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré no ano de 1912.

É a partir da construção da Estrada de Ferro e da fundação do Terreiro de Santa Bárbara no bairro do Mocambo em Porto Velho que propomos analisar traços de uma religiosidade de raízes africanas que contribuíram para a constituição de uma identificação entre os seus adeptos, seja nos modos de fazer, de vestir, seja no imaginário de uma visão de mundo permeada pela religiosidade.

Esperança Rita da Silva e Raimundo Silva fundaram, juntamente com o bispo católico da cidade, a Capela de Santa Bárbara. Posteriormente Esperança Rita funda a *“Irmandade de Santa Bárbara”*. É no espaço físico da irmandade que Dona Esperança Rita “rezava” em doentes, realizava partos, abrigava moradores de ruas, atuando de forma a auxiliar o grande número de pessoas que vinham em busca de trabalho na Estrada de Ferro Madeira Mamoré, atuando numa falha dessa sociedade que se inicia, e na que se tornaria a cidade de Porto Velho.

Por necessidade espiritual, Esperança Rita funda o Terreiro de Santa Bárbara, uma casa de culto religioso que ficou conhecida como “Barracão de Santa Bárbara” pela população local e “Recreio de Iemanjá”, como fora batizado o terreiro dentro dos fundamentos religiosos do culto de Mina Nagô e Tambor da Mata.

Tambor da Mata, segundo Prandi (2004), é o culto de caboclos encantados da mina, como a família do Codó. As entidades mais prestigiadas no Tambor da Mata são: os Voduns: Bárbara Soeira, Averekête, Badé, Naê, Tocé, Dossú, Boço Jara; dos encantados: Dom João, Rei Dom Sebastião, Rainha Dina, Príncipe Regino, Barão de Goré, Senhor Mansidão (chefe da casa), Senhor Bahia, Senhor Dorisinho, Cabocla Mariana, Caboclo Roxo, Légua Bogí Buá e sua extensa família, Senhor Cachoeira, Caboclo Rompe Mato, Cabocla de Arubá, Tungarunga, Caboclo Risca, Senhor Cabuçú, Caboclo Japiacú, Cavaleiro Mariano, Caboclo Flexeiro.

O Tambor de Mina pode ser entendido como uma ramificação do Candomblé, considerado como Candomblé Maranhense por ter matriz africana, porém tendo expansão maior no nordeste do Brasil principalmente Maranhão e no norte, destacando-se o Estado do Pará.

Nesta religiosidade são cultuados Orixás Nagôs, Voduns Jêje, Voduns getins (Chefe de famílias de encantaria), e Caboclos Encantados. O termo getin designa um encantado da nobreza européia, geralmente cristão, associado a orixá e, às vezes também, a alguns santos católicos. Merecem destaque: Rei Sebastião, associado à Xapanã e a São Sebastião; Rainha Dina, associada à Iansã; Rainha Rosa, associada à Santa Rosa de Lima e a Oxum; Dom Luiz, Rei de França, associado a Xangô e a São Luís (Luiz IX).

O Tambor de Mina muitas vezes confundido com outras religiões de matrizes africanas distingue-se das demais Nações do Candomblé e da Umbanda, tanto nos fundamentos religiosos como nas práticas de adoração. Um exemplo claro desta diferenciação está na presença do sincretismo como catolicismo, nas rezas em Latim, ladainhas, procissões, hinos, imagens, etc. Todos os Voduns têm uma “representação” católica como, por exemplo, Bárbara Soeira (Vodun Gentil ou Cambinda, considerada Iansã no Nagô e Sogbô no Jêje, na Mina em geral chefe da Encantaria), é representada por Santa Bárbara e assim sucessivamente.

Na hierarquia, os Voduns estão no mesmo patamar que os Orixás, em seguida vêm os Voduns Gentis, e logo os Caboclos (encantados). Segundo os religiosos, existem centenas de encantados, estes são organizados por famílias dentre elas as mais citadas são: Gama, Turquia, Borbonha, Légua Bogí Buá da Trindade, Jurema, etc. Dentre estes encantados encontram-se Reis e Rainhas como é o caso de Rei Sebastião, que foi Rei de Portugal, e segundo sacerdotes foi encantado na batalha de Alcácer Quibir na praia do lençol no Maranhão, como também as três princesas da Turquia: Mariana, Jarina e Herundina, que na mitologia conta-se que numa viagem de barco as princesas passaram por um “portal” e encantaram-se também na praia do lençol no Maranhão, como pode-

se perceber em uma cantiga que Pai Beto D'Ossù (Ogum) usou como exemplo desta encantaria em uma pesquisa de campo feita por mim:

*La praia dos lençóis em três maresias faladas,
Oh la na praia dos lençóis em três maresias faladas,
É numa delas, é numa delas,
É numa delas que a Jarina é encantada...*

Segundo Ferreti (1997), Embora hegemônico no Maranhão, o Tambor de Mina - Jeje, Nagô, Cambinda, foi sincretizado no passado com manifestação religiosa de origem indígena denominada Cura/Pajelança e com uma tradição religiosa afro-brasileira, surgida em Codó (MA), denominada Mata ou Terecô. Ainda Ferreti, afirma que Os terreiros de Mina mais antigos não estimulam a abertura de outras casas. A Casa das Minas não reconheceu, até hoje, nenhuma outra como Mina-Jeje e a Casa de Nagô, embora tenha reconhecido vários terreiros antigos como dela oriundos, não preparou ninguém para abrir terreiro (fala-se que algumas vodunsis foram autorizada, por sua entidade espiritual, a abrir terreiro e que depois da casa aberta tiveram acompanhamento de sua mãe - de- santo durante dois anos).

O terreiro de Santa Bárbara manteve-se como casa de batuques hegemônica em Porto Velho durante várias décadas. Mesmo uma certa “disputa” com outras casas que surgiram mais tarde, tais como o Terreiro de São Benedito de dona “Chica Macaxeira”, o Centro de Umbanda de São Sebastião de propriedade de Pai Celso de Oxóssi, ou ainda o Glorioso São José de Raimunda Paieira, não afetaram significativamente esse quadro de hegemonia ritual. A fama do terreiro e de sua mãe de santo, Dona Esperança Rita, eram consolidadas nos meios sociais locais e a casa era requisitada por todos os segmentos da sociedade para os mais diversos fins o que pode denotar a presença de religiosidades de raiz africana, ou religiosidade afro-brasileiras na constituição da cidade de Porto Velho, o que, inegavelmente, nos remete as possíveis contribuições dessas religiosidades no tocante ao patrimônio imaterial da sociedade portovelhense, e mesmo do Estado de Rondônia, embora haja no censo comum, uma forte associação de Rondônia, assim como os outros

estados do norte, como um lugar de transição, de uma cultura eminentemente marcada pelos indígenas.

As transformações culturais das práticas da religiosidade popular em Porto Velho, ainda enveredariam, a partir da década de 1970, pela expansão dos cultos evangélicos e pentecostelistas que buscariam arregimentar vastos segmentos de adeptos nos celeiros dos antigos terreiros da capital de Rondônia. Uma considerável parcela de “antigos macumbeiros” se transformaria em fervorosos evangélicos batizados no Espírito Santo e renegariam sua antiga condição de batuqueiros.

Sendo assim, o Santa Bárbara nos apresenta como um espelho miniaturizado e distante, através do qual podemos perceber nuances de todas as transformações da sociedade local. É com muito sacrifício, enfrentando perseguições de evangélicos, preconceito racial e religioso que dona Esperança firma na cidade de Porto Velho a primeira casa de culto religioso de matriz africana. Só a partir do Terreiro de Mina Santa Bárbara que outras casas surgem a Rondônia, sendo esta até os dias de hoje considerada o Terreiro Matriz de Porto Velho.

2. BASES TEÓRICAS, MÉTODOS E RECURSOS.

Ao decidirmos trabalhar com o tema referente às expressões da religiosidade em comunidades de terreiro em Porto Velho, optamos por realizar uma abordagem dentro dos limites da etno-história, pois a mesma trabalha em situações extremas no tocante as especificidades documentais, como o caso do estudo histórico de grupos étnicos que não deixaram sua tradição escrita ou mesmo vestígios monumentais significativos que possam dar indicações mais precisas sobre os conteúdos culturais e as bases dos processos de trocas culturais como podemos ver em Netoⁱⁱⁱ.

Preocupamo-nos com a questão das identidades tanto étnicas quanto religiosas em comunidades de terreiro de Porto Velho. Uma vez que entendemos tais comunidades como um legado cultural dos diversos processos

migratórios dos segmentos negros que formam a população rondoniense, optamos por estudar também as matrizes religiosas dos locais de origem das populações que migraram para Rondônia e que aqui desenvolveram suas estruturas religiosas específicas. Um dos problemas centrais de nosso estudo é, portanto, compreender a gênese, manutenção e reelaboração das identidades étnicas e religiosas dos afro-descendentes que se estabeleceram nas atuais terras que forma Rondônia. Como destaca Parès (2007) para abordar essa questão relativa à etnicidades relacionais em detrimento daquelas primordiais é necessário recorrer a autores como Barth ao invés de Max Webber ou Clifford Geertz.

Como ressalta Darnton (1990), as fronteiras entre história das mentalidades, história cultural e antropologia são tênues e os instrumentos e objetos de pesquisas muitas vezes se misturam. Em sua análise sobre os meios de comunicação entre a História e outras ciências análise evidencia-se um caminho que opta pela interdisciplinaridade e pela multiplicidade de sentidos daquilo que pode ser percebido como história e dos métodos para a sua pesquisa, muito mais importantes, segundo o autor do que o desenvolvimento de teorias fechadas.

Outro aspecto relevante em nossa pesquisa refere-se ao contexto das relações de alteridade entre os membros da comunidade religiosa e os diversos segmentos da população envolvente. Para entendermos essas situações baseamo-nos na leitura primordial de Segato (1995) que ressalta que a análise de uma cultura e o acesso aos seus conteúdos repousa em grande medida nos sistemas de nomes, denominações variadas e relações entre os seres humanos e o panteão das divindades em circunstâncias variadas. Pierre Verger (2000), por sua vez apresenta excelentes estudos sobre o contexto etno-histórico da escravidão e da constituição do arcabouço religioso nagô no litoral brasileiro, especificamente na Bahia, abordando as expressões da religiosidade iorubana, matriz do candomblé ketu, principal vertente das práticas religiosas africanizadas em Porto Velho.

As fontes documentais escritas são por excelência, o material de trabalho do historiador. Entretanto, em Porto Velho o descaso para com o documento escrito parece ter sido generalizado. Assim, a maior parte dos arquivos e com eles, da memória da cidade e de sua sociedade desapareceu em incêndios, destruído por cupins ou simplesmente relegados ao descaso e à ação inexorável o tempo e das intempéries. Não houve preocupação, por parte dos poderes públicos em preservar uma memória do passado histórico.

Dessa maneira, o trabalho de pesquisa do historiador fica seriamente comprometido e torna-se necessário recorrer a outros procedimentos de investigação, notadamente aos estudos de oralidade e de fontes narrativas do passado recente. Entretanto, pudemos localizar uma pouca documentação escrita, obtida em diários de membros da casa de santo, artigos de jornais, ata de fundação do terreiro e textos produzidos de forma de esporádica por cronistas locais com o prof Ary Tupinambá Penna Pinheiro, Sandra Castiel, Yedda Maria Pinheiro Borzacov, Vitor Hugo, Amizael Silva e Antônio Cantanhede.

Contudo, a própria história nos apresenta alternativas para o estudo documental. A ampliação do entendimento do historiador acerca do que é um documento histórico tem oferecido novas possibilidades de abordagem de questões e de busca de respostas às questões em processos de investigação. A fotografia e os documentários, filmes e vestígios de artefatos e objetos vinculados às pesquisas arqueológicas se mostram extremamente promissores nesses campos e podem produzir impressionantes respostas às questões formuladas pelo pesquisador. O documento seja ele qual for somente irá “falar” à medida que o pesquisador souber inquiri-lo adequadamente.

Este artigo foi escrito principalmente com bases em relatos e entrevistas, uma vez que as fontes escritas são precárias e que a disponibilidade de material documental e iconográfico é, apenas, parcial. Assim utilizamo-nos da abordagem oral que implica procedimentos e técnicas de entrevistas e narrativas obtidas a partir de depoimentos e narrativas de depoentes e, sobretudo pensar a

subjetividade do pesquisador, já que este participa de forma efetiva na elaboração do documento.

A pesquisa oral pode ser entendida como um método complementar da pesquisa histórica ou, ainda como uma técnica independente de pesquisa no campo histórico, nesse caso, conhecida como História Oral. Para esclarecimento de nossos procedimentos, entendemos que as pesquisas realizadas a partir de narrativas, entrevistas e depoimentos constituem-se em uma técnica auxiliar do trabalho do historiador e não como um processo completo em si mesmo, dessa forma, a partir dos poucos fragmentos documentais e de textos que nos auxiliam no entendimento dos processos mais amplos das transformações vivenciadas pela sociedade regional em geral e pela comunidade do terreiro de Santa Bárbara em específico, recorreremos às fontes orais para entender melhor seu processo de crise e decadência.

O recurso oral é bastante presente em diversos trabalhos acadêmicos no modo geral e em trabalhos dos historiadores como pode-se ver nos trabalhos publicados pelo autor Alberto Lins Caldas, em “Oralidade, Texto e História” (1999), “ Nas águas do Texto” (2001), entre outros.

As técnicas de recursos orais nesta pesquisa foram realizadas através de entrevistas e narrativas dos antigos membros e freqüentadores da irmandade, como auxílio devido à escassez na documentação. As entrevistas foram realizadas utilizando-se recursos de áudio, com praticantes e integrantes do Terreiro de Santa Bárbara e outras casas que derivam desta primeira. Contamos também com fotos da antiga irmandade, sacerdotes e sedes do terreiro cedidas por filhos da casa. Embora a maioria dessas fotos esteja ilegível, os fiéis as têm como recordações e relíquias do que foi essa irmandade no passado, alegre, festiva e harmoniosa.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A casa de Mina Santa Bárbara, teve papel muito importante na formação do imaginário da cidade, no tocante as contribuições e constituição de um

patrimônio imaterial a medida em que proporcionou o encontro de pessoas produziam e reproduziam no coletivos determinadas práticas culturais.

Maria Cecília Londres Fonseca, em texto intitulado “Para além da pedra e do cal”, sugere o quanto a questão do legado patrimonial, por vezes, está associado aos grandes casarões, igrejas cristãs e demais construções tombadas e mantidas pelo Estado, sem, muitas vezes, nos darmos conta que o legado patrimonial cultural de um povo, de uma sociedade habita modos de fazer, de cozinhar, de rezar, de manifestações de religiosidade que extrapolam o campo do material. Sobretudo quando se tem como foco manifestações culturais de parcelas da sociedade brasileira comumente preteridas durante o longo processo histórico nacional, como o foram os afrodescendentes.

Assim é de extrema importância o registro, o estudo mais aprofundado, pesquisas históricas cujo foco seja as manifestações e organizações religiosas dos afrodescendentes, sobretudo em regiões onde a presença da matriz africana praticamente inexistente nos grandes monumentos materiais, tais como casarios e igrejas.

Ao analisar as formas de lidar com o escatológico, as formas de rezar e as manifestações religiosas dos descendentes de africanos que migraram para esta parte do país, estamos a demonstrar inúmeros outras possibilidades de pesquisa a memória e o patrimônio histórico e cultural para além da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, das caixas d’água, do casario “antigo” da cidade.

Estamos a possibilitar ou mesmo alertar para a existência de uma memória, de uma grande e importante contribuição para a cultura do estado e que como tal, carece e merece receber e ser também lembrada como patrimônio histórico e cultural de Rondônia. O patrimônio imaterial deixado por aqueles que para cá vieram construir a Estrada de Ferro Madeira Mamoré, que veio a se tornar um marco para o patrimônio histórico “oficial” deste Estado.

4. ANEXOS



Esperança Rita da Silva – Fundadora da Irmandade e Sacerdotisa do Terreiro de Santa Bárbara (Falecida em 1975)



Albertino da Silva – Sucessor de dona Esperança (Falecido em 1994)



Parte da irmandade do Terreiro de Santa Bárbara na Av. Joaquim Nabuco



Terreiro em festa no bairro Vila Tupy em 1987.



Manoel Roberto da Silva Cardoso Neto - Atual dirigente do Terreiro, sucessor de Senhor Albertino da Silva.



Maria do Carmo Sampaio Pinto - Dirigente da casa juntamente com Pai Beto (Falecida em Junho de 2008)



Terreiro de Santa Bárbara abandonado no período de 2008 a 2010



Terreiro de Santa Bárbara abandonado no período de 2008 a 2010

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar: textos em História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- _____. **Manual de História Oral**. 2.^a ed. ver. e atual. Rio de Janeiro: Editora da UFGV, 2004.
- BARTH, Frederik. **Ethnic groups and boundaries: the social organization of culture Difference**. (org). Boston, Little Brown & Co. 1969.
- BASTIDE, Roger. **Estudos Afro-Brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1983.
- BLOCH, Marc. **Introdução à história**. 6.^a ed. Lisboa: Europa-América, 1993.
- CALDAS, Alberto Lins. **Nas águas do Texto**. São Paulo: Loyola, 2001.
- _____. **Oralidade, Texto e História**. São Paulo: Loyola, 1999.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **As Culturas Populares no Capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CARDOSO, Ciro Flamarion S. **Uma introdução à História**. 5.^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- _____. e VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia**. 5 ed. Campus.
- DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- _____. **Um historiador fala de teoria e metodologia: ensaios**. Bauru, SP: Edusc, 2005.
- FIGUEIREDO, Arthur Napoleão. HENRY-VERGOLINO, Anaiza. **A presença Africana na Amazônia Colonial: uma notícia histórica**. Belém: Arquivo Público do Pará, 1990.
- FERRETTI, Sérgio Figueiredo. **Repensando o Sincretismo**. São Paulo: Edusp, 1995.
- FERRETTI, Mundicarmo. O Triângulo Sagrado, Ano III, n. 39 (1996), 40 e 41 (1997). Publicado no **Jornal do CEUCAB-RS**.
- FONSECA, M.C.L. Para além da pedra e cal. In. **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Regina Abreu e Mario Chagas (orgs.). Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 56-76.

- LODY, Raul. **O Povo do Santo: Religião, História e Cultura dos Orixás, Voduns, Inquices e Caboclos**. Rio de Janeiro: Pallas, 1995.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória**. A cultura popular revisitada. São Paulo: Ed. Contexto, 1994.
- MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.). **Culto aos Orixás: voduns e ancestrais nas religiões afro-brasileiras**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.
- PARÉS, Luis Nicolau. **A formação do candomblé – História e ritual da nação Jeje na Bahia**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007
- PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. 2.^a ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- PRANDI, Reginaldo. **Encataria brasileira**. Rio de Janeiro, Pallas, 2004.
- REIS, João José. Bahia de todas as Áfricas. In: **Revista de História**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional. Ano 1, nº 6, dezembro de 2005, p. 24-30.
- SANTOS, Joel Rufino dos. **O que é racismo?** São Paulo: Brasiliense, 1984.
- SANTOS, Juana Elbein. **Os Nàgô e a Morte: Pàde. Àsèsè e o Culto Égun na Bahia**. Petrópolis: Editora Vozes, 1993.
- SEGATO, Rita Laura. **Santos e Daimones: O Politeísmo Afro-Brasileiro e a Tradição Arquetipal**. Brasília: UnB, 1995
- SILVA, Vagner Gonçalves. **Candomblé e Umbanda: Caminhos da Devoção Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Ática, 1994.
- TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues & FONSECA, Dante Ribeiro da. **História Regional: Rondônia**. Porto Velho: Rondoniana, 1998.
- TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues, FONSECA, Dante Ribeiro da & ANGENOT, Jean Pierre. **Afros & Amazônicos: Estudos sobre o Negro na Amazônia: Rondoniana**, 2009.
- VENÂNCIO, Renato Pinto. PRIORE, Mary Del. **Ancestrais: uma introdução à História da África**.
- VERGER, Pierre Fatumbi. **Lendas dos Orixás**. Salvador: Corrupio, 1981.
- _____. **Notas sobre o culto aos orixás e voduns**. São Paulo: Edusp, 2000.

NOTAS

ⁱ Graduando no curso de História pela Universidade Federal de Rondônia.

ⁱⁱ Professor Mestre do departamento de História na Universidade Federal de Rondônia.

ⁱⁱⁱ NETO, Edgar Ferreira- Professor do Departamento de História da UFF. Mestre e Doutor pela mesma universidade.

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. Domínios da História. Ensaios de Teoria e Metodologia. 5 ed. Campus. Capítulo 14.